

LIBERDADE, LIBERDADE

O que tem de mais interessante uma vassoura de varrer a relva, como esta, é o podermos regulá-la. Conforme há só restos de grama e folhas secas a remover, gravetos que o vento trouxe, outros lixos possíveis, assim se pode usá-la completamente aberta ou fechar-lhe um pouco os dentes. Um pouco mais, um pouco menos. Porque não é verdadeiramente de uma vassoura que se trata. Antes de um leque formado por vinte e duas lâminas de aço, cinco milímetros de largo por trinta centímetros de comprido, logo flexíveis — não de mais: a sua espessura é de um milímetro bem medido — e encurvadas na extremidade. Inclinação aproximada: quinze ou vinte graus.

Temos de regulá-la bem e apanhar-lhe o jeito de pousar, se quisermos ser dignos do espírito de rentabilidade que inspirou o inventor.

Fecho-lhe pois bastante os dentes. Por causa de alguma pedra traiçoeira, inimigo maior das lâminas da máquina de cortar. E levanto e puxo o cabo, levanto-o, puxo-o, em movimentos precisos e prolongados. Iguais. O que produz um ruído seco, repetido, que para lá das árvores e dos muros, talvez se julgue uma dessas engenhosas maquinetas que há hoje para facilitar a tarefa aos jardineiros. Melhor dizendo, aos senhores que, nos fins de semana, se dedicam à jardinagem, como convém à meia-idade e se usa lá por fora.

Ninharias? Evidente. Como é próprio de reformados e daqueles que desistiram, não direi só de resolver, mas até mesmo de entender os grandes Problemas (atenção: com maiúscula...) que não cessam de enredar-se nesta guerra sem quartel em que o mundo se tornou. O mundo da política (prudentemente com minúscula...), o do papel impresso e outros meios de desentendimento comum. Ah não se tornou? Olhem só. É-se constantemente censurado por intervir: «mas quem é que este se julga?, faz o jogo de quem?». E por não intervir: «aquele descansa enquanto os outros sofrem». E também por dizê-lo quando se cai daí abaixo. Pois se trata, na verdade, duma fuga escandalosa à velhíssima lei (universal?) do instinto de rebanho, tão útil aos que dominam os homens como aos que dizem querer (ou querem mesmo) libertá-los.

Varrer a relva não é fácil. Como tudo no campo, exige prática, perseverança, tempo. Paciência. E é isto o que mais custa a quem se habituou, nos supermercados e até nas mercearias de terrinhas como esta que já os vão macaqueando, a estender a mão para latinhas vistosas onde estão, à sua espera, os produtos que apetece sem ter de esperar pela estação que os dá. Mas não há árvores enlatadas. Por enquanto. Nem nenhum detergente para limpar a relva, tornando-a mais verde.

«Tudo leva o seu tempo», diz-me aqui o meu vizinho e meu arrimo nestas e noutras fainas. É a expressão mais alta da sua filosofia. Tempo e trabalho, quer ele dizer. Sem esquecer a incerteza, que preside a tudo. Por isso talvez, no horizonte negro da escravidão braçal em que se move, apesar da TV no tasco ao lado e da fila constante de carros na estrada a trinta metros, nada conhece ainda, o pobre, de certos males nossos. Da nostalgia do prazer. Da alegria apenas simulada. Do tédio surdo e envolvente que traz consigo a facilidade de possuir e deitar fora tudo o que queremos, mal o queremos, sem nada ou muito pouco termos feito por isso. A TV, olha-a ele com ronha desconfiada: que é que no fundo os gajos querem? E os carros só lhe interessam quando «há coisa»: — Aquilo é que foi uma porrada.

Conta-me isto com olhinhos a brilhar de gozo: um ficou logo ali, três foram parar ao hospital. Que até no muro se via sangue.

É um bom com uma fera dentro, o meu vizinho. Há-os ao contrário por aí. Mas não sei se melhores.

Pois esta estranha e simpática vassoura, contemporânea — é só vê-la — das esculturas do Calder e seus sequazes na arte do visionário instável, ajuda muito, sim senhor. Mas não evita o esforço e a demora. Nem mesmo o jeito pessoal de usá-la. E é simpática por isso. Embora, também por isso, fatigante. A cada vassourada, saltam mil pedacinhos de relva que a máquina de cortar atirou para o ar numa chuva de estrelas e ficaram por aí. E, desses mil pedacinhos, bem cheirosos por sinal a verdadeiro campo, poucos se deixam arrastar às boas pelos flexíveis dentes de aço. Saltam, deixam-se cair mais ou menos onde estavam, resistem. Recusam-se. Como se diz (porque convém recuperá-los) de certos intelectuais, que nunca colaboraram, ao que dizem, com o fascismo, mas também nunca se lhe opuseram cara a cara. Pelo menos como se chamava cara a cara então. Quando ainda não se vira, por preconceitos de escola, informação deficiente, atrasos de pequeno país provinciano, que libertar as palavras do seu sentido comum, dispô-las num xadrez de regras variáveis, torná-las gloriosamente inúteis, enquanto o sangue corre e a prepotência se instala, é afinal mais importante e até muito mais revolucionário do que fazê-las verberar as injustiças sociais. Um bradar no deserto, como enfim todos sabemos. E, visto isso, deixem lá. É a última palavra.

Toca a insistir, voltar atrás, recomeçar. Sem grandes esperanças, aliás, duma limpeza total. Ou é a tal mania do absoluto que eles sempre censuraram em mim? Ou é ela a não me deixar ver que, no comportamento das pessoas como na limpeza das relvas, só há resultados relativos? Que as grandes atitudes, as biografias exemplares, as dádivas totais, quando bem estudadas, espiolhadas, trazidas sem compromissos para a luz do dia, sempre se revelam não tão grandes e não tão exemplares como se dizia e continua a dizer-se, continuamos a dizer, porque, enfim, as coisas são como são? Limpar tudo muito bem será apenas deixar tudo um pouco menos sujo? Bastará apenas não ser tão vulnerável, tão indigno, tão venal?

De qualquer modo, enquanto levanto e puxo o cabo da vassoura, em movimentos precisos, prolongados, tentando suprir com

atenção e teimosia a falta de experiência, não desisto de encontrar o sistema. Que há-de haver um sistema (cá estou eu, de acordo, é uma mania). Ir sempre para diante, sem dar muita atenção ao que se escapa, empurrando este escasso monte de folhas que, a bem ou a mal, aqui tenho ido formando, e repassar tudo no fim, na mesma técnica seguida? Linear, como diria um crítico literário para registar o primarismo do processo? Estabelecer, ao contrário, pequenas áreas de acção e não passar à frente sem as ter explorado com minúcia? Uma por uma? Sem a certeza de que ali está tudo feito ou quase tudo, enfim, o que é possível?

Há quem escreva páginas e páginas a fio — quinze ou vinte dum fôlego, que miragem! — numa invejável fogosidade sthendaliana e só emende depois. Para esses, a emenda (ou o recuo) não faz parte do processo interior de criação, é uma vigilância posterior e exterior que evita os excessos e as faltas, conserta o ritmo e a eficácia do discurso. Há, pelo contrário, quem não consiga abandonar um período sem o dar por concluído, enredando-se em cada dificuldade, inventando-as talvez, não podendo de modo algum continuar sem que tudo esteja ali definitivamente resolvido (tudo «limpo»). Sabendo embora que o novo período virá pôr outra vez tudo em questão. É o que se passava com o Flaubert, ao que parece, e continua a passar-se com uma legião de desgraçados que só nisso se assemelham ao criador da *Bovary*. Trate-se de uma página de romance, trate-se de varrer um jardim...

Arde-me o sol na nuca. Já com a testa e as costas encharcadas, vejo a meus pés, bem nítida na relva, esta sombra oblíqua dum homenzinho que ergue e baixa o braço, da direita para a esquerda, agarrado ao longo cabo, que poderia ser também o duma enxada ou dum ancinho. É uma sombra nítida mas pouco firme, que tem alguma coisa das figuras canhestras do Van Gogh. Não dos camponeses de Nuenen, onde tudo é sólido e sem sol, mas de *O pintor na estrada de Tarascon*. Aquela sombra irregular e inquietante, colorida, muito pouco obediente, que o pintor vai deixando atrás dele como que incendiada.

É uma sombra sagaz. Sei lá se irónica. Não me copia os movimentos. Exagera-os, critica-os, comenta-os, ri-se deles.

E, entretanto, outra vez — que teimosia! —, a sineta do portão. Ouve-se bem, lá isso...

Pois que toque. Era o que mais faltava. Obrigarem-me a abrir. Vai tocando, minha filha. Não estás a ver que não te ouço? Estou cá a contas com a vassoura e com a maneira como irei juntar, amontoar, meter na grande lata que foi um bidon de gasolina, estes milhares de pedacinhos de relva que se escapam, rebeldes, para todos os lados, misturados com folhas velhas que não cessam de cair das árvores, as malvadas, grandes folhas castanhas, escarquilhadas, secas, que ao mínimo toque se quebram, se multiplicam também. É um petisco.

Mas a sineta continua. E, não querem lá ver?, já com alguma impaciência. Atrevimento! É alguém que deve ouvir, do outro lado do muro, o ruído do vaivém da vassoura metálica. E não só isso: é alguém — o perigo está aí — que me conhece. Que me sabe incapaz de resistir durante muito tempo à persistência dum apelo. Continuo a vassourar. A sineta insiste. Eu vassouro e ela toca, quando é que isto acaba? Merda!

Desesperado, atiro para o chão o meu sofisticado instrumento de pequena jardinagem, passo o lenço pelo pescoço e pela testa, aperto o cinto e entro em casa, rogando pragas ao destino. Atravesso o corredor (já lá vai!, já lá vai!) e abro a porta, com cara de carrasco. E, ao abri-la, dou com um daqueles (amigo, camarada, o que quiserem chamar-lhe) que menos queria voltar a encontrar em toda a minha vida. Com seiscentos mil diabos! Porquê este? Logo este?

Eu disse que era impossível. Disse ou não disse? Disse que não estava em casa, que tinha o dia ocupado, que talvez para a semana, que talvez só para a semana. Disse ou não disse? Bolas, deviam ter compreendido.

Pois estou. E quem é que tem alguma coisa a ver com isso? Pois estou, pois estou em casa. Como vês. E nem sequer a trabalhar, já que na vossa linguagem o que estou a fazer não se chama trabalhar. Mas acabou.

Quantas vezes lhes disse que acabou? As entrevistas, as conversas muito importantes, muito urgentes, os tais simples depoi-

mentos, é só um quarto de hora e lá se vai a tarde inteira, os artigos, pois, os artigos indispensáveis para pôr os pontos nos ii, os livros que é preciso ler, que é preciso escrever, devias dizer qualquer coisa sobre este, sobre aquele, tudo isso acabou. Que raio tem isto que entender? Acabou. É só isto: acabou!

Compreendam-me isto duma vez. É melhor para todos. Ninguém perde mais tempo. Não se toma uma resolução definitiva para voltar atrás todos os dias. Também os livros, sim. Talvez sobretudo os livros. Os livros que vocês nem chegam a ler (e assim se esgotam edições), que só lhes servem para trazer debaixo do braço, que só eram urgentes, indispensáveis antes de serem escritos. Que contam tanto nisto tudo como estar agora a chover ou a fazer sol no Egito.

Ah não? Pois bem. Não terei esse direito. Nem sequer esse direito. Lá quanto a isso de direitos, vocês os dão, vocês os tiram. Aqui o meu vizinho também não tem direitos, nenhuma espécie de direitos e vai fazendo a sua vida, mais certinha afinal, muito mais sã do que a vossa ou a minha.

Pois eu, no teu lugar, sabes o que fazia? Tentava remediar este abuso de vir aqui assim, depois de me terem dito claramente que não me queriam cá. No teu lugar, desaparecia. Sem mais nem pôr, desaparecia. E o mais depressa possível. Aí tens. Não te digo mais nada, não respondo a nenhuma pergunta, estás a perder o teu tempo. Desaparece. Faz-me o maior de todos os favores: desaparece.

Ora essa! O que eu quiser! Farei o que quiser e já não é sem tempo. O que é que quero? O que calhar. Olhar para o ar, dormir, ir ver as montras quando for à cidade, se lá voltar alguma vez. Quem é que me pode impedir de fazer da minha vida o que quiser, em plena liberdade?

Ah sim, os deveres, o dever, já cá faltava. Os que cumprem o seu dever, os que não cumprem o seu dever. Que fatura! Corta um tipo com tudo para ver se consegue um pouco de sossego e toma lá: entram-lhe pela casa dentro, quer ele queira, quer não, com o fantasma do dever. Não sou livre sequer de tentar realizar os meus projectos? E de não ter projectos? Não ter projectos prejudica alguém?

Mas espera, homem, espera lá. Estou-te a dizer que esperes. Que chatos vocês são! Não vês que o mal está feito? Agora tanto faz, senta-te para aí. Isso é bom para vocês. Entram se lhes agrada, saem se lhes agrada, põem os outros na rua quando lhes convém. E não pensam mais nisso. Esse é que é o segredo. Se eu pudesse comprar esse segredo! E não pensam mais nisso. Rabelais traduzido para a sociedade de consumo... Sabes o que isto quer dizer? Rabelais é um bicho ou uma planta?

Senta-te e bebe qualquer coisa. Como é que hás-de ficar aí sentado mais de cinco minutos sem um copo na mão? Ah bom. Não tinha reparado. Já te serviste, sim senhor, fizeste bem. Vai buscar gelo se quiseres, sabes onde está.

Isto? Referes-te a isto? Que te interessa? São papéis velhos, como vês. O papel também envelhece. Também amarelece. Como nós. São cartas, são. De amigos? Admitamos que sim, que eram amigos, alguns o serão ainda. É um domínio em que há sempre muitíssimas surpresas. Ser ou não ser amigo. Desde quando? Até quando?

Nisso é que tens razão: como se junta tanta coisa! É esta mania de guardar. Guitas, botões, caixas e caixinhas, molas velhas, cartas. Sobretudo cartas. Porque as havia para guardar, naturalmente. Vocês hoje não escrevem cartas. Telefonam. Ou nem sequer telefonam, aparecem se lhes convém, aqui estás tu. Dizem, dão o dito por não dito, voltam a dizer o mesmo noutra altura. E de nada fica rasto. Nada que prove, documento, que confirme ou desminta. É muito mais fácil assim torcer o pescoço à História. Mesmo à pequena história de cada um de nós. Mas isso interessa? A quem?

Vinte anos, trinta, quase quarenta. Uns morreram, claro está. Outros desapareceram ou andam por aí, toda a gente os conhece ou não conhece, o que importa muito pouco. Há os que ninguém conhece e vão trepando, olá, como eles trepam! Mas já não são os mesmos. Ficariam espantados, talvez preocupados, nalguns casos aterrados se se lembrassem destas cartas, se pudessem relê-las, se soubessem que existem. Trinta anos, meu amigo, é obra. As estruturas mudaram (esse negócio das estruturas...). As estruturas, a mentalidade, etc., etc. Isso que vocês sabem dizer muito bem, com olho científico e citações a propósito, estatísticas, meca-

nismos subtis de pensamento, a que só falta — sabes quê? — o ter vivido as coisas. Tê-las sentido por dentro. Na carne, como então se dizia.

Essa é que é a diferença. Ter vivido, ou não, as coisas. Ter levado bofetadas sem poder responder, quando era mais que perigoso falar nisso sequer.

Claro que não. Nem tudo isto são cartas. Apontamentos. Planos. Simples notas. Recortes de jornais, que já mal se podem ler. Coisas interrompidas. Coisas prontas que não puderam ser publicadas. Por causa da censura, das censuras. Ou nem isso. Algumas fui eu mesmo que as não quis publicar. Sim senhor. Porque não seriam oportunas, era o que eu julgava. Não interessariam na altura. E agora também não. Também já não. Nada interessa cedo de mais nem demasiado tarde. Há um mundo de coisas que ficará para sempre desconhecido. E então? Que diferença é que faz?

Mas queres saber? Tenho aqui um aperto, na garganta. E, todavia, a culpa é também minha. Deixei passar o tempo. O drama, o crime, a estupidez de deixar passar o tempo! Tinha mais que fazer. Todos tínhamos mais que fazer. Tínhamos de preparar aqueles que viriam a pensar hoje que nada disso conta.

No entanto, que intrigante! Já nada disso conta e falam sempre no mesmo. Doutra maneira, sim. Tão diferente que lhes dá a ilusão de serem eles os primeiros a ver, a descobrir. Todos temos esta mania de julgar que só nós vemos, descobrimos. Com certeza. Claro que terei feito o mesmo. É bem possível. Mas então para quê? Se tudo recomeça sempre a partir de zero, alguma coisa vale a pena?

Não, não, nenhum projecto. Felizmente. Quis apenas mexer nesta papelada toda uma vez mais antes de a queimar. A gente põe-se a ler, a reler, a reviver. É o diabo! Mas trata-se só do que digo. Exactamente: queimar. Tu não lês os jornais? Pois é: não tens tempo. Estás ainda na fase de não ter tempo para ler jornais. Mas lê. Há outra vida para além do teu casulo, por maior que ele seja. Todos os dias enfartes, acidentes de automóvel. Sei lá o que me espera logo à noite! Não quero que isto fique para aí a servir de pasto a ensaístas sem assunto ou a apodrecer nas

gavetas. Assim é uma limpeza. Nem as cinzas ficam. Sopram-se e já está. Tudo limpo, tudo morto. Mais que morto, inexistente. Em resumo, acabou.

E, se tudo acabou, como queres que faça o que me vens pedir? Quantas vezes terei de to dizer ainda? Agora eu corto relva, varro a relva, trabalho em jardinagem. É muito belo ver crescer as plantas, podá-las, encaminhá-las. E nada disto é tão fácil nem tão pouco cansativo como julgas. Como todos vocês julgam. Não salva o mundo? Também me parece bem que não. Mas o que é que salva o mundo?

Não senhor, não vivo só. Converso com esta gente aqui, bebo um copo com eles. Pois é, o tempo (choverá, não choverá, nem tudo se pode fazer quando se quer) e a televisão também, é evidente. Há quem tenha. Mas pensa-se nela de outro modo cá na terra. No tasco mal a olham. Jogar às cartas ainda interessa mais. Mal levantam os olhos das jogadas.

E aqui tens. É o regresso ao paraíso, faz de conta, a dois passos da cidade. Da cidade, onde vocês andam para trás e para diante, a subir e a descer escadas, a fazer os outros subi-las e descê-las, convencidos de que transformam o mundo. Mas o que é que vocês já transformaram? De forma que essa ideia que te trouxe até cá (a do costume, que se havia de esperar?) é um sonho duma noite de Verão. Melhor dizendo, um pesadelo. Acabou. Foi o que eu disse. Mas já to tinha dito, não te lembras? Quantas vezes já to tinha dito?

Deita mais uísque, se quiseres. Deixa-te estar. Já que vieste e me estragaste o dia, fica mais um bocado. Se tens tempo. Não sei quantas escadas terás de subir e de descer ainda hoje. Mas, entretanto, olha por essa janela. Vê essa variedade de verdes. Vê essa relva. Vê essas árvores. Vocês esqueceram-se das árvores, nunca reparaste? Aquela, ali em baixo, tem cem anos pelo menos. Os velhos dizem-me que em miúdos já trepavam por ela. Que sempre a conheceram assim mesmo como está. A verdade da vida. Como diria um filósofo da natureza. Que não sou. Mas antes isso que outra coisa. Pelo menos enquanto vocês (vocês também, é triste) deixarem que haja árvores, silêncio, flores, rios com água que se possa beber.

Mas olha cá. Que iria eu lá fazer na sexta-feira, não me dizes? Sexta-feira! Não-de ser sempre os mesmos. Sem noção de nada. Que é o que acontece normalmente aos que julgam saber tudo. Reuniões, reuniões, reuniões. E daí? Asneira sobre asneira. Sexta-feira, que eu saiba, ainda é véspera de sábado. E, logo a seguir a sábado, é domingo. Ou não será? E isso dava tempo para quê?

Sexta-feira. É precisamente o dia em que aqui o meu vizinho prometeu vir ajudar-me. Para isso alterou a sua vida. Por simples simpatia, já talvez amizade, sabes o que isso é? Sabes o que é dar ou receber ajuda sem ter nenhum lucro em vista? Sem nenhuma ameaça por detrás? Apenas por amizade ou mesmo simpatia? Nem para ganhar uns cobres, nem para ser bem visto pelos outros, só por boa vizinhança?

Raios me partam se não estou farto de vocês até aqui. E das vossas teorias. E dos vossos projectos. E das vossas mentiras. O quê? Não mentem? Estás-me a dizer, a mim, que nunca mentem? Está bem, não mentem. Equivocam-se. Iludem-se. E procedem em conformidade.

Mas há ainda outro mundo, felizmente. Em toda a parte. Sem bandeira, sem nome, sem morada. Ficarei nele e o resto adeuzinho. Fixa bem isto: não virás mais interromper o meu trabalho, que, penses o que pensares, é trabalho mesmo. Olha estas mãos. Estás a ver? Aqui? É um calo a formar-se.

Como vocês pensam as coisas! Deuses todos do céu, como vocês pensaram sempre as coisas! Sexta-feira!

Tenho de falar ao meu vizinho, está visto que tenho de falar-lhe, é o que vocês arranjam. E pedir-lhe desculpa. E combinar as coisas de outro modo. Estupor de mundo. Que chatice.

Mas agora põe-te a andar. Por favor. Antes que me arrependa. Bebe esse resto e vai, desaparece. Vai e diz a esses tipos que estarei lá na quarta-feira. Não na sexta, que burrice!, mas na quarta. Que iria eu lá fazer na sexta-feira? Mostrar-me? Três ou quatro dias não é tempo de mais para se fazer alguma coisa. Se acaso estão interessados em que se faça alguma coisa. Se não querem apenas acorrentar os outros, dominá-los, treiná-los para um dia, a gente conhece a história. Mas diz-lhes também e não te esque-

ças, que é uma vez sem exemplo. Uma vez sem exemplo, ouviste bem?

Tanto me faz que eles pensem isto como aquilo. O que eles pensem, bah, quero bem saber do que eles pensem!

Fecho-lhe a porta, outra vez à má cara, nem sequer lhe disse adeus, atravesso a casa resmungando como um velho, volto ao relvado, agarro na vassoura, recomeço. Mas danado comigo.

Uma vez sem exemplo!

Pedacinhos de relva saltam para todos os lados. Apanho-os, mais às folhas secas, acastanhadas, quebradiças, que entretanto caíram das árvores e a brisa arrastou até aqui. Vou-os metendo na grande lata que já foi um bidon de gasolina. Com as mãos. Há coisas que só se fazem bem com as mãos. Sujando-as. Enchendo as unhas de terra. Tenho de falar ao meu vizinho. Que é que vou dizer ao meu vizinho? Não estou de volta antes de domingo ou de segunda. Como é que ele entenderia?

Liberdade não há. Acabou para todo o sempre.